

UMA ESCOLA DO CAMPO NA CIDADE?

Fernanda May – UFFS
fmay2010@hotmail.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é problematizar a realidade da escola Rondônia situada no município de Centenário/RS e algumas características, tanto da escola quanto do município, que apontam para a possibilidade de considerá-la uma escola do campo, mesmo estando situada na cidade. Busco a partir da minha experiência de Estágio nesta escola, discutir as características de uma escola do campo que se aproximam à realidade da escola Rondônia, perceber em que medida o Plano Político Pedagógico (PPP) reconhece essas características e em que contribuiria esse reconhecimento para a escola, para os alunos e para a comunidade.

Palavras-chave: Estágio; Escola do campo; Projeto Político Pedagógico;

Introdução

O presente trabalho parte de algumas problematizações que surgiram durante a minha experiência de Estágio na escola Rondônia de Centenário/RS. O Estágio Curricular Supervisionado¹ permite a inserção do estudante na escola para uma análise do ambiente escolar, no sentido de situar e reaproximar, os estudantes de licenciatura antes da sua inserção definitiva como docente. Permitindo que os alunos tenham contato com a estrutura da escola, com seus espaços físicos, com sua estrutura política e com o contexto onde está inserida a escola.

Diante da minha experiência e também do fato de ter sido aluna da escola no ensino fundamental e ainda residir no interior do município de Centenário, coloco em discussão alguns aspectos da escola e do próprio município que chamam a atenção para a possibilidade de considerar a escola Rondônia uma escola do campo. Bem como, proponho uma discussão inicial a respeito do espaço rural e do espaço urbano hoje.

A escola Rondônia está localizada no município de Centenário/RS. É a única escola estadual do município, que conta com apenas mais uma escola de ensino fundamental municipal. As atividades da escola se mantêm desde 1936. A escola funciona nos três turnos,

¹ Disciplina da sexta fase do curso de Licenciatura em Ciências Sociais (turma 2010) da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, *Campus* Erechim.

manhã, tarde e noite e oferece as modalidades de ensino fundamental, ensino médio e ensino médio politécnico. Ao todo a escola possui 322 alunos, sendo que a grande maioria dos alunos, principalmente os que estudam nos turnos da manhã e da tarde, são provenientes do campo². O município de Centenário situa-se a Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e possui área territorial de 134,3 km². A população é de 2.956 habitantes. A economia é baseada na agricultura com predomínio da pequena propriedade. O comércio e a indústria são de pequeno porte. As famílias quase na sua totalidade são de origem polonesa e a religião predominante é a católica³.

A partir desse contexto inicio o trabalho problematizando o que de fato caracteriza uma escola do campo. Será o espaço onde está inserida a escola? A educação para o trabalho no campo? A escola que recebe alunos do campo? Trago alguns aspectos relativos ao espaço rural e o espaço urbano na tentativa de classificar o município em questão. Em seguida, partindo da realidade da escola Rondônia, principalmente do Plano Político Pedagógico/PPP, busco analisar em que medida a escola considera nas suas práticas pedagógicas, o contexto social em que está inserida e o perfil dos seus alunos. Para finalizar, analiso em que medida o reconhecimento por parte da escola, destas características e o trabalho pedagógico baseado nessa perspectiva, poderia contribuir para o desenvolvimento da escola, dos alunos e da comunidade.

Pressupostos de uma escola do campo

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde as suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo. (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2004, p.14)

Partindo do dito acima podemos aceitar que a escola tem funções predeterminadas, como a formação das pessoas, o acesso ao conhecimento, a diferentes culturas. No entanto, essas funções são aceitas desde que partam de uma perspectiva próxima ao estudante, ou seja,

² Os dados sobre a escola foram obtidos diretamente com a direção e a partir do Plano Político Pedagógico/PPP.

³ Fonte de dados do IBGE.

que essa formação, que esse conhecimento sirva e tenha significado para quem o aprende. Um conhecimento que não torne o estudante um estranho às suas vivências e que possa o aproximar cada vez mais da sua identidade e dos seus valores, ao mesmo tempo, que proporciona conhecer diferentes culturas e diversas formas de aprender desde as mais tradicionais até as mais modernas.

Quando discutimos uma escola do campo temos que reconhecer que se trata de uma escola que como qualquer outra também apresenta essas funções. Função de formação, de construção de conhecimento e acima de tudo de valorização e significação das vivências de seus estudantes relacionadas com a vida do campo. Não restringindo o conhecimento aos conhecimentos da terra, mas, oferecendo aos alunos o contato com os diferentes saberes.

É comum encontrar pessoas que possuem um olhar negativo ou então preconceituoso do campo, visto como um lugar atrasado e de pobreza. No entanto, há que se reconhecer a importância do campo para o desenvolvimento do país. Num primeiro momento da economia do Brasil, a agricultura foi o principal espaço de produção das riquezas. A indústria superou a agricultura em muitos sentidos, mas está continua sendo de grande importância, principalmente na produção de alimentos. Claro que hoje predominam os grandes latifúndios, o que não exige a existência de pequenas propriedades, que produzem para consumo próprio.

O grande problema enfrentado pelo campo foi e continua, em alguma medida, sendo o êxodo rural, que fez com que muitas famílias deixassem o campo em busca de trabalho na cidade e melhores condições de vida. Esse processo acabou deixando os campos vazios e abrindo espaço para o desenvolvimento das grandes propriedades monocultoras e voltadas para a exportação.

As poucas pessoas que ainda permanecem no campo encontram muitas dificuldades, como o acesso a educação, por exemplo. Essas famílias mesmo morando no campo são obrigadas a mandar os filhos para as escolas das cidades, onde muitos acabam permanecendo e não voltando mais ao campo. O campo hoje carece de estrutura, de suporte financeiro por parte das políticas públicas e principalmente de incentivos para que as pessoas queiram e possam continuar nele.

Pensar uma escola do campo é pensar numa possível transformação dessas condições. Na perspectiva de criar um espaço que possa receber os estudantes do campo com práticas educacionais voltadas para suas realidades singulares, que seja comprometida com a cultura do povo do campo e que possam auxiliar esses estudantes a pensar novas possibilidades para a vida no campo.

Sendo assim entendo por escola do campo,

[...] aquela que trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população. (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2004, p.53)

Nesse sentido, tendo refletido sobre as características de uma escola do campo, tenho presente a necessidade de que esteja localizada no espaço geográfico da realidade social e cultural do campo. Para que sirva aos estudantes provenientes do campo e que tenha práticas educativas voltadas para a realidade do campo, mas, que não retire dos alunos a possibilidade de conhecer outras culturas, outras realidades, outras formas de saber. Esses pressupostos caracterizam o que podemos chamar de escola do campo. Entretanto, quais destas características estão presentes na escola Rondônia para que possa ser considerada uma escola do campo?

A seguir busco refletir sobre alguns aspectos da escola que remetem a uma idéia de escola do campo e analiso de que forma o PPP da escola trabalha com o contexto social e com perfil dos alunos.

A escola nos limites do rural e do urbano

A escola Rondônia mesmo estando localizada no “centro” da cidade de Centenário apresenta algumas características que possibilitam pensá-la como uma escola do campo. Mesmo não estando localizada geograficamente na área rural ela está num município de menos de três mil habitantes e com um território de menos de 140 km², ou seja, pela extensão da cidade e pelas características estruturais do espaço urbano é possível considerar que a escola está num espaço meio rural/meio urbano.

A cidade possui apenas uma avenida que congrega os espaços comerciais e os setores de serviço, como posto de saúde, prefeitura e escola. A paisagem é mista, mesmo com as construções, ainda há muita área verde dentro da cidade, e os costumes dos moradores lembram muito a área rural, muitos plantam nos jardins, fazem hortas e criam animais.

No entanto a maioria da população vive no campo e do campo. Os estudantes que moram na área rural vivem da pequena propriedade plantam para abastecimento da cidade e para consumo próprio. A própria merenda escolar é proveniente das pequenas propriedades agrícolas. Diante disso, para além da maioria dos estudantes serem do campo, os que moram na cidade têm contato direto com as práticas agrícolas.

A partir do exposto podemos nos questionar se as cidades pequenas como a exemplo de Centenário, são realmente cidades? São pólos urbanos ou rurais? Como podemos entender hoje o que é rural e o que é urbano diante das circunstâncias descritas? Se partirmos da definição de rural, teremos a ligação direta com o espaço do campo, e o urbano com o espaço da cidade. E quando temos em alguma medida, indícios que apontam para os dois espaços rural/urbano ao mesmo tempo? Analisando as características já mencionadas da cidade, nos deparamos com as duas realidades bem presentes, espaços que remetem ao campo bem como, espaços e estruturas voltadas ao urbano.

Varias mudanças caracterizam a constituição de uma nova forma de campo, um conjunto de diferentes atividades e costumes passou a ser desenvolvido no campo diferente das práticas tradicionais. Novos padrões de consumo, novas relações com o meio ambiente e acesso a estruturas materiais que antes eram por essência, componentes da cidade. De forma alguma isso tem implicações negativas, pelo contrário, não é apenas pelo fato de ser menos povoado ou de ainda ter alguns costumes mais simples que a população do campo deve viver afastada da modernidade, das novas tecnologias, dos novos produtos para consumo. O fato é impedir que essa nova forma de organização que vem se homogeneizando nas cidades não coopte a população do campo, a ponto do abandono da terra.

No caso específico da cidade de Centenário é possível considerar que se trata de, “relações entre cidade e campo e dos interesses de atores sociais que tem sua vida econômica e/ou política e/ou social ou, ainda, seu habitat associado a espaços urbanos e rurais” (SPOSITO, WHITARER, 2003, p.121)

Considerando o espaço meio rural meio urbano do contexto onde se encontra a escola Rondônia, parto para uma análise de como a escola trabalha a questão do contexto social dos estudantes, principalmente a partir do PPP.

A escola Rondônia apresenta como filosofia uma “*Educação participativa e Inclusiva*”, que segundo o PPP, tem como objetivo eliminar qualquer tipo de discriminação a grupos de pessoas. Entende-se nesse sentido que a escola está aberta a todas as pessoas, sem distinção de raça, etnia, religião.

Quando aborda os objetivos da escola, o documento menciona a necessidade de “*oportunizar condições para que os alunos possam realizar-se como pessoas e como cidadãos, através do gosto pelo saber, o hábito da leitura, pesquisa e estudo, o raciocínio lógico, a expressão oral e escrita, descobrindo alternativas de fixação do homem no campo*”. É a única passagem do documento que trata especificamente dessa questão, de fazer com que os alunos queiram permanecer no campo. No entanto, é uma colocação solta, que não

acompanha nenhuma prática, nenhum tipo de incentivo ou atividade, ou formas de organização do espaço escolar e das práticas pedagógicas para que de fato, se efetive a vontade dos estudantes de permanecer nos seus locais de origem.

Mais adiante, quando trata das propostas pedagógicas da escola, o documento aponta para que “*a construção do conhecimento na escola deve se dar, a partir, das vivências significativas dos alunos, com a preocupação de estabelecer relações de vivências do aluno com o mundo*”. Porém, da mesma forma essa proposta não segue uma linha de atuação prática no sentido de fazer das vivências dos estudantes o ponto de partida da aprendizagem e do conhecimento.

Essas duas passagens presentes no PPP, mencionam mesmo que de forma superficial, a aparente preocupação da escola com a permanência das pessoas no campo e com a necessidade de articular as vivências dos estudantes ao processo de construção do conhecimento. No entanto, tendo vivenciado a realidade da escola, tanto como aluna, quanto pesquisadora, pude observar que na prática, essas propostas não acontecem. A escola não desenvolve nenhum tipo de atividade que objetive fazer com que os alunos desenvolvam outro olhar sobre o meio em que vivem. O ensino tradicional, foca em conteúdos distantes da realidade dos estudantes, descumprindo com o proposto de trabalhar a partir das suas vivências.

A partir das observações e constatações sobre a realidade da escola e sobre contexto no qual está inserida, tenho presente que a escola Rondônia apresenta condições de ser tratada como uma escola do campo. O fato de estar localizada na cidade não retira a necessidade de trabalhar tendo essa perspectiva presente, principalmente, pelo fato de fazer juízo a quase totalidade de alunos que são provenientes do campo e que tem o direito de aproximarem o conhecimento a suas realidades e desenvolverem novas formas e novas alternativas de permanência no campo.

É claro que a opção de permanência no campo exige uma série de condições satisfeitas, para que se tenha qualidade de vida. E também é opção dos estudantes, das pessoas quererem ou não viver no campo. Sendo assim, a escola também não pode e não deve obrigar as pessoas, mas tem sim a obrigação de vincular suas práticas com os interesses dos grupos do campo e se voltar para o desenvolvimento social e cultural dos sujeitos que moram e trabalham na terra.

Se a escola cumprir o papel, de oferecer as possibilidades de pensar e problematizar as questões do campo, de incentivar os estudantes para que permaneçam na terra, mas ao mesmo tempo busquem uma continuidade dos estudos, estará colaborando para a construção de um

novo imaginário sobre a realidade do campo. E poderá contribuir para que esses mesmos estudantes sejam os protagonistas de um novo projeto de desenvolvimento do campo, bem como da região como um todo, que ainda carece de mudanças.

Considerações finais

De acordo com a contextualização apresentada e percebendo o perfil dos alunos na sua maioria oriundos do campo, reconheço a importância da escola ter sensibilidade para observar e trabalhar com esses estudantes numa perspectiva voltada para os seus interesses e para os interesses do campo.

Com o reconhecimento dessas peculiaridades, a escola pode incentivar os alunos a permanecer no campo, mas mantendo uma perspectiva de continuidade dos estudos sabendo da possibilidade de mudanças. Para que o campo se torne mais atrativo e ofereça condições para que os jovens possam permanecer.

A permanência no campo ou mesmo na cidade colabora com o desenvolvimento da região e mantém a cultura e os costumes. Os jovens precisam aprender a reconhecer que a sua cultura, que a agricultura, o trabalho com a terra é muito importante. Mas isso desde que tenham possibilidades materiais de permanência e acesso, a tecnologias, aos diferentes meios de comunicação e serviços necessários. É importante que tenham consciência dos seus direitos para lutar por políticas públicas que se voltem para o atendimento da população do campo. E o acesso à educação que trabalhe nesse sentido também é um direito, se não, o mais importante deles.

Referências

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (org.). *Por uma educação do campo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. <http://www.ibge.gov.br>

SPÓSITO, M. B.; WHITARER, A. (org.). *Cidade e Campo relações e contradições entre urbano e rural*. Porto Alegre: Expressão Popular, 2003.

Plano Político Pedagógico – PPP. Escola Estadual de Ensino Médio Rondônia. Centenário/RS, 2010.